

Auto-Avaliação na Educação a Distância uma alternativa viável

Lane Primo¹

¹Núcleo de Educação a Distância -
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac
Av. Tristão Gonçalves, 1245 – 60015-002 – Fortaleza – CE – Brasil

{laneprimo@uol.com.br}

Abstract. *This article tells an experience of self-assessment used in three lato-sensu distance courses. It used the Questionnaire tool of the Virtual Learning Environment Moodle. This study arises some subjects, like as formative evaluation, educational communication between tutor and students, significative learning, autonomy and formation of tutors. The results show us the development of competences of the students and changes in a way of study and teach in distance education.*

Resumo. *Esse artigo relata a experiência da utilização da auto-avaliação no processo de aprendizagem em três cursos de pós-graduação lato-sensu a distância pela Internet. Como apoio tecnológico utilizou-se a ferramenta Questionário do Ambiente Virtual Moodle. As observações realizadas abrem discussões para os seguintes assuntos: avaliação formativa, comunicação tutor x estudante, aprendizagem significativa, autonomia e formação de tutores. Os resultados mostraram o desenvolvimento de competências dos estudantes e mudanças na maneira de estudar e exercer a tutoria pela EAD.*

1. Introdução

A Educação a Distância (EAD) tem demandado diversos estudos devido à proliferação de cursos nessa modalidade. Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2006, no período 2003 a 2006 houve um aumento de 571% em número de cursos e de 315% no número de matrículas (Inep, 2007). Esses percentuais provocam inquietações e reflexões por parte dos educadores e os envolvidos. Os desafios estão postos tanto para docentes quanto discentes e dentre eles, pode-se citar a necessidade de: superar a passividade dos estudantes, reflexo de anos de uma pedagogia transmissiva; de aprender a lidar com uma nova demanda comunicacional, provocada pela evolução da tecnologia e convergência das mídias; de promover o desenvolvimento de comunidades; de buscar a construção coletiva de conhecimentos; de (re)significar processos e práticas educativas; de quebrar vários paradigmas além de procurar novas formas de avaliação.

É nesse contexto de inquietudes que este artigo procura um novo olhar para a avaliação, mais especificamente, a auto-avaliação como uma das possibilidades de promover situações de aprendizagem que mobilizem os estudantes a gerar significados e, por conseguinte, melhorar sua autonomia.

Este trabalho relata a experiência do uso da auto-avaliação em três turmas dos cursos de especialização em Gestão Educacional, Educação a Distância e Educação Ambiental que tiveram início em 2006 no Senac Ceará. Os cursos de 360 horas-aula foram divididos em módulos totalmente a distância com três momentos presenciais e utilizaram o ambiente virtual Moodle (versão 1.53) para o desenvolvimento do programa. A motivação para essa pesquisa deve-se aos seguintes fatores: a necessidade de aprofundamento no tema avaliação na EAD; a possibilidade de experimentação de novas práticas pedagógicas que utilizam as ferramentas do ambiente virtual em públicos com perfis distintos; a abertura para a observação de atitudes em cursos virtuais; a oportunidade de verificar a comunicação educativa através do diálogo tutor x estudante; as perspectivas para a ampliação dos estudos sobre novas metodologias que possibilitem uma aprendizagem de qualidade no modelo de competências e que contribuam para a formação de tutores e novos conhecimentos em EAD.

2. Princípios Teóricos e Questionamentos

A mediação, a avaliação, a auto-avaliação, questões sobre autonomia e a comunicação no processo de EAD constituem as bases conceituais que norteiam esse trabalho e fornecem, extraindo-se da prática, os questionamentos para as discussões.

A mediação pedagógica, segundo Gutierrez e Prieto (1994), “é o tratamento de conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade”. Prado e Martins (2002) acrescentam com base na definição citada que a mediação constitui um movimento para a recriação de estratégias de modo que o estudante possa atribuir sentido naquilo que está aprendendo. Ao saber que nos cursos, objeto deste estudo, foram utilizadas estratégias no modelo cognitivista, de que forma verificar se o produto da tarefa ou a discussão gerada fez com que os estudantes estabelecessem relações e desenvolvessem sentido no que estavam aprendendo?

Ademais Belloni (1999) apresenta vários significados para mediação. Dentre eles, relata que do ponto de vista da concepção de unidades do curso “mediatizar” [termo utilizado pela autora] significa “conceber metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais de ensino/aprendizagem que potencializem ao máximo as possibilidades de aprendizagem autônoma”. Inclui que é válido selecionar os meios mais adequados, criar e implementar estratégias que facilitem a aprendizagem. Então, como potencializar as possibilidades de aprendizagem autônoma em um grupo de estudantes adultos, trabalhadores em período integral, que na maioria participa pela primeira vez de um curso de EAD? Será potencializar ou será sensibilizar para aprender a aprender nesse novo contexto?

O projeto dos cursos dessa pesquisa segue a orientação para uma avaliação formativa que, de acordo com Perrenoud (1999), “é formativa toda avaliação que ajuda o estudante a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”. Então, de que maneira envolver o estudante na regulação da aprendizagem se o modelo mental ao qual está acostumado é o da expectativa da nota?

Palloff e Pratt (2002) colocam que a avaliação formativa “é um processo contínuo que pode ocorrer a qualquer momento do curso, trazendo à tona lacunas na matéria do curso ou na capacidade que o estudante tem de entendê-la”. Acrescentam que a avaliação formativa permite aos professores uma chance de mudar o rumo do curso. Então, como o tutor pode ir além do conteúdo para perceber que há a necessidade de mudança no contexto da EAD?

Interessante notar que Souza et al (2004) citam instrumentos de avaliação voltados para a metacognição, como os auto-informes e os protocolos. Os protocolos são provas que intercalam o conteúdo curricular com perguntas que solicitam ao estudante a descrever o que acabou de fazer, as dificuldades experimentadas, as dúvidas, as autocorreções de seus erros. De que maneira a inserção dos protocolos em uma auto-avaliação poderá levar o estudante a modificar suas estruturas e formas de atuação para uma aprendizagem mais significativa na EAD?

Indo além, Kenski (2003) afirma que “os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo do que das tecnologias utilizadas, seja o livro, o giz, ou o computador e as redes”. Segundo ela, “é a maneira como essa tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, estudantes e a informação” que faz a diferença. Daí cabe a questão: como usar as ferramentas para ir além do conteúdo e favorecer o processo de comunicação/negociação (Hadji, 2001) do aprendiz através do diálogo tutor x estudante x resultados? Como usar as respostas da auto-avaliação, principalmente, nas questões metacognitivas para uma comunicação mais clara que leve tanto o estudante quanto o tutor a avaliarem inclusive a postura ética e os procedimentos adotados?

Para Hadji (2001) o ato de avaliar sempre tem uma dimensão de comunicação. Quando um professor-avaliador se pronuncia sobre suas expectativas e modo de julgamento, ele está mandando uma mensagem para os estudantes. Cita o trabalho de Barlow (1992) que coloca suas observações quanto a uma comunicação formativa com base na captação “das reações dos estudantes, suas questões sobre o sentido e o alcance do que foi colocado pelo professor-avaliador, seus pedidos de explicação sobre as apreciações e notas”.

Cabe aqui outra reflexão: até que ponto essa troca de mensagens pode gerar problemas de ordem atitudinal? Entre eles: a relação de poder seja de um lado ou de outro, de autenticidade sobre a autoria da produção, de não reconhecimento dos erros como oportunidades de crescimento, de tomada de consciência acerca do que deve ser feito e de como realizá-lo, sobre seu posicionamento como sujeito nas situações-problema propostas e não como um mero expectador. Será que na auto-avaliação questões desse nível são observáveis e poderão contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento de competências atitudinais do estudante? E no caso do tutor, poderá levá-lo a pensar sobre a relação de poder, sobre as formas de negociação? Poderá favorecer a abertura ao diálogo?

Por fim, Freire (1996) coloca que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”. É nesta busca, inquietação e curiosidade face a estes questionamentos que os desafios da atribuição de significado ao que se aprende, do crescer em termos de autonomia na aprendizagem e da quebra de paradigmas no estudo a distância convergem este trabalho para a crença de

que a auto-avaliação é um dos caminhos que possibilitarão ao estudante a tomada de consciência do que precisa ser melhorado e modificado para a sua formação. Para isso há a necessidade de um processo comunicacional eficiente. Nesse sentido, o passo seguinte na busca de respostas foi procurar por experiências de auto-avaliação parecidas que serão relatadas no próximo tópico.

3. Alguns Estudos sobre Auto-avaliação na EAD

No levantamento bibliográfico sobre as experiências relacionadas à auto-avaliação na EAD foram encontrados alguns artigos que serão apresentados a seguir com o propósito de buscar subsídios que pudessem ajudar a responder parte dos questionamentos feitos.

Na Educação Médica a Distância (EMaD), a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) analisou de forma crítica programas de educação médica continuada em vários países. Segundo Christante et al (2003), no Brasil a oferta de cursos a distância para profissionais da medicina é crescente, beneficia àqueles que não podem participar de congressos ou eventos científicos e que estão afastados dos grandes centros do país. Os programas educacionais baseados na auto-aprendizagem foram considerados de boa qualidade, porém eles alertam para alguns aspectos importantes no tocante à avaliação. Dentre eles, verificou-se que há um descompasso do que o clínico considera como necessidade de aprendizagem e a sua realidade. Essa dificuldade dos médicos para verificar seu conhecimento se deve à natureza solitária de seu trabalho que limita as discussões com seus pares, bem como a rápida velocidade da produção científica que tornam seus conhecimentos obsoletos. Há, também, a tendência de preferir assuntos de seu domínio, provocando assim pouca ampliação. Por isso, recomendam que a auto-avaliação deve ser utilizada em combinação com sistemas de avaliação por pares do qual devem fazer parte médicos, consultores e os próprios pacientes.

O trabalho de Prata (2003) apresenta um *framework* de avaliação da aprendizagem a distância com o uso de agentes inteligentes. Ele menciona no esboço do ambiente um módulo de auto-avaliação do estudante que contém informações sobre a sua situação em relação à turma, entre elas: participação, acuidade, dificuldades e resultados das avaliações. Depois, apresenta perguntas para o estudante refletir e responder em relação ao curso, ao professor e aos colegas. Não há detalhes sobre os resultados, porém vale ressaltar que o artigo aborda em vários momentos questões éticas como plágio e falsificação (é o estudante que está respondendo?). Destaca a importância da comunicação, da necessidade de uma pedagogia e didática específicas para a EAD.

Reis (2004) apresenta uma visão geral sobre as novas práticas de ensino e aprendizagem utilizadas em cursos on-line. No caso apresentado relatou a aplicação conjunta da avaliação formativa, somativa e da auto-avaliação em um curso de uma Instituição de Educação Superior de São Paulo, na disciplina de Metodologia Científica. Segundo a autora, a aplicação da auto-avaliação permitiu que o estudante “em uma determinada situação de aprendizagem desenvolvesse estratégias de análise e interpretação de suas produções e sua autonomia, favorecendo a tomada de consciência de seu percurso de aprendizagem”. Acrescentou que a auto-avaliação favorece “a construção de estratégias pessoais no desenvolvimento profissional do estudante, o estabelecimento de metas e o exercício da autonomia em relação à própria formação”.

Apesar de não relatar detalhes sobre os aspectos abordados na auto-avaliação, é o que mais se aproxima do objeto de estudo desse trabalho.

No estudo de Primo (2004), a auto-avaliação foi utilizada para que o estudante analisasse sua participação com relação ao grupo, utilizando como base as informações de acesso às ferramentas no período de uma semana na forma de gráficos de barra. Por meio da ferramenta Diário de Bordo, do ambiente virtual Teleduc, o estudante realizava sua análise e sua proposta de melhoria. Foram constatados resultados positivos, principalmente na tomada de consciência da necessidade de participação. Foi utilizada também como meta-avaliação, de forma que o estudante pôde verificar seu processo de desenvolvimento.

Diante desses relatos, atribui-se como característica relevante da experiência objeto desse estudo, a sua construção no modelo de competências em que o estudante se vê envolvido na responsabilidade de desenvolver habilidades, atitudes e conhecimentos. É por isso que acredita-se na auto-avaliação como alternativa para um caminhar com autonomia.

4. Metodologia

Esta pesquisa é do tipo exploratório-descritivo que utilizou como método uma abordagem indutiva. A forma científica teve como base a observação e a experimentação. Foram coletados dados quantitativos e qualitativos a partir das respostas dos estudantes aos questionários, das postagens no fórum de meta-avaliação e os pareceres dos tutores.

Foram executados os seguintes passos na investigação: 1. Aplicação do questionário de auto-avaliação no final de cada módulo dos cursos; 2. Tabulação dos resultados; 3. Análise quantitativa e qualitativa dos resultados (individual e do grupo); 4. Levantamento dos resultados da avaliação parcial obrigatória composta de questões objetivas; 5. Comparação e análise dos resultados; 6. Levantamento bibliográfico para a fundamentação; 7. Levantamento de experiências semelhantes na comunidade científica; 8. Elaboração das conclusões.

Nos tópicos seguintes a descrição do experimento, a caracterização da população estudada, o processo de desenvolvimento e acompanhamento e a tecnologia utilizada.

4.1. Descrição do Experimento

O experimento consistiu no uso da auto-avaliação como instrumento no processo de aprendizagem na educação a distância.

4.2. Caracterização da População

A população deste estudo foi composta de 75 estudantes dos cursos de pós-graduação, sendo: 30 de Gestão Educacional, 25 de Educação a Distância e 20 de Educação Ambiental. Desse universo, um diagnóstico inicial apontou que 52% dos estudantes de Gestão Educacional, 38% de Educação a Distância e 67% de Educação Ambiental cursavam pela primeira vez a distância.

4.3. O Processo de Desenvolvimento e Acompanhamento

O processo foi desenvolvido em três etapas: a etapa 1 teve início com a elaboração do Plano de Ação Docente (PAD) que é o planejamento do módulo do curso. O PAD é o

documento-base elaborado pela tutoria, nele constavam as competências a serem desenvolvidas, as bases tecnológicas, os recursos utilizados, os procedimentos metodológicos e os indicadores de avaliação, voltados para a modalidade EAD. Esse documento deu origem tanto às questões da auto-avaliação quanto às da avaliação parcial obrigatória.

Na etapa 2, a partir do PAD a tutoria acompanhou o estudante em seu desenvolvimento; elaborou as questões de auto-avaliação, configurou a ferramenta Questionário no ambiente Moodle e a disponibilizou para os estudantes que finalizaram o módulo. Depois que o estudante respondeu à auto-avaliação, a tutoria analisou as respostas e lhe deu um parecer, no qual valorizou os pontos positivos, orientou nas respostas “em parte” além de pedir esclarecimentos sobre os pontos que sobraram dúvidas para o estudante a fim de elucidá-los ou provocar aprofundamentos.

As questões da auto-avaliação versavam sobre conhecimentos e habilidades relacionadas às atividades realizadas ao longo do módulo em curso (ver exemplo no Anexo A, figura 1). Para refletir sobre atitudes, as questões tratavam sobre: o tempo dedicado ao estudo, a qualidade da participação, a postura frente às dificuldades, a utilização do material didático, as formas de estudo (ver exemplo no Anexo A, figura 2), entre outras. Havia também tópicos sobre a metodologia, a tutoria, coordenação e suporte para que os estudantes avaliassem também o curso.

Na etapa 3, a tutoria teve a oportunidade de examinar o curso de forma global a fim de analisar as modificações a serem realizadas para o módulo seguinte. Com base nos resultados sobre conhecimentos e habilidades procedeu a elaboração das questões da avaliação parcial obrigatória. As demais informações (metodologia, tutoria, coordenação e suporte) foram utilizadas pela coordenação para analisar e discutir melhorias com a equipe. Dessa maneira foi possível verificar aspectos pedagógicos e estruturais de cada módulo em curso para as devidas providências.

4.4. A Tecnologia de Apoio

Para a execução do processo a tutoria usou as ferramentas Questionário do ambiente virtual de aprendizagem Moodle com modificações para a elaboração da auto-avaliação e a ferramenta Mensagem para o contato com o estudante. No início, foi utilizada a ferramenta Diário, mas este recurso não mostrou eficiência por não guardar os registros.

5. Resultados e Discussão

As auto-avaliações foram disponibilizadas no ambiente das turmas dos cursos de Gestão Educacional, Educação Ambiental e Educação a Distância ao final de cada módulo. Os estudantes receberam convites da tutoria para que os questionários fossem respondidos no ambiente. O acesso não era obrigatório, porém constatou-se o aumento da frequência aos questionários no período próximo da avaliação parcial presencial, o que indica a sua utilização como roteiro de estudo.

Os resultados (em números e percentuais) foram gerados pela própria ferramenta Questionário do ambiente virtual. Eles revelaram mudanças importantes de uma avaliação para outra. Por exemplo: no questionário do 1º módulo da turma de Gestão Educacional, a questão “tempo dedicado ao estudo” apontou que 13% dos estudantes responderam dedicar menos de 3 horas por semana; no 2º módulo (dois meses e meio depois), o resultado das respostas revelou que eles passaram a estudar mais (entre 3 e 6 horas

semanais); trata-se, portanto, de uma mudança positiva na conscientização da necessidade de maior dedicação para o estudo a distância. Isso demonstra o desenvolvimento de uma competência atitudinal visto que a sondagem inicial realizada nas turmas apontou que 52% desses estudantes cursava a distância pela primeira vez.

Com relação à questão sobre autonomia, no que tange à busca de solução para as dificuldades no entendimento do conteúdo, 45% dos estudantes das turmas de Educação Ambiental e Gestão Educacional responderam necessitar do tutor para poder continuar, o que demonstra a dependência da orientação da tutoria para resolver as tarefas. No curso de Educação a Distância, esse valor foi de 11%, o que significa um grau de autonomia dos alunos mais elevado visto que 32% disseram não terem enfrentado dificuldades e 36% afirmaram terem resolvido sozinhos. Nesse caso, as tutoras dos cursos de Gestão Educacional e Educação Ambiental reavaliaram seus planos de ação para os devidos ajustes nas práticas de mediação, de forma que os estudantes pudessem desenvolver a autonomia nos módulos seguintes. Em parte esse resultado é consequência da falta de experiência desses grupos na participação de cursos a distância e por isso precisavam de estratégias diferenciadas para desenvolver tais competências. Essa tomada de consciência do tutor só foi evidenciada a partir das informações obtidas e demonstra o seu envolvimento mais efetivo no processo de formação.

Os resultados gerais e comuns aos três cursos referentes a participação nas atividades em grupo, interação com as mídias disponibilizadas (vídeo e áudio), aplicação dos conhecimentos na vida prática demonstraram que as respostas às atividades melhoraram de um módulo para outro com relação à consistência, articulação dos diversos materiais e aprofundamentos. Isso indica que os estudantes perceberam como utilizar melhor os recursos para o desenvolvimento dos estudos a distância.

As questões relativas a conhecimentos e habilidades foram discutidas com os estudantes individualmente pela tutoria. Um indicador positivo está no resultado das avaliações parciais, trata-se do momento presencial obrigatório do curso. Como já relatado, observou-se que os estudantes aumentaram o número de acessos às auto-avaliações na proximidade da realização da prova, o que significa sua utilização como roteiro de estudo. Constatou-se também que os estudantes que responderam um número acima de 3 (três) auto-avaliações de módulos diferentes conseguiram um resultado superior a 70% de acertos na avaliação parcial obrigatória, conforme dados da tabela 1.

Tabela 1. Relação entre o número de Auto-Avaliações respondidas e o Resultado da Avaliação Parcial

Curso	Nº Estudantes	(%) Estudantes em relação ao total	Responderam ao número de auto-avaliações acima de	% de Acertos na Avaliação Parcial acima de:
Educação a Distância	9	45	3	70
Gestão Educacional	11	52	3	70
Educação Ambiental	7	64	4	60

Os estudantes também foram convidados a se posicionar sobre a ajuda ou não da auto-avaliação nos resultados dos estudos. Um dos cursistas afirmou que as auto-

avaliações “ajudaram a orientar os tópicos que deveria revisar, e ao mesmo tempo, permitiram uma visão global de todo o curso com as respectivas conexões entre os módulos”. Um outro colocou que elas o fizeram refletir sobre a forma de conduzir os estudos no curso, permitiu que fizesse correções e modificações no que achava estar incorreto. Esses depoimentos entre outros que estão registrados em um fórum demonstram a tomada de consciência do processo de crescimento, a criação de relações e significados além da transformação ocorrida na aprendizagem.

Dos 52 estudantes que utilizaram a auto-avaliação, 4 (quatro) afirmaram que ela não influenciou no resultado. Ao analisar esses casos, observou-se que estes cursistas utilizaram os questionários apenas como instrumento de testes e não como indicadores para reflexão e mudança. No entanto o parecer da tutoria apontou que aqueles que realizaram as auto-avaliações apresentaram produções e posicionamentos mais críticos e consistentes.

6. À Guisa de Conclusão

A questão da avaliação em EAD é complexa e requer estudos aprofundados de maneira a se criar soluções que minimizem a sua complexidade e a sua subjetividade bem como possa servir de “bússola” à aquisição de conhecimentos e competências estabelecidas nos planos de formação.

Esse trabalho visou, assim, buscar essa compreensão da avaliação no universo da EAD na perspectiva de “encontrar” novas metodologias e estratégias que favoreçam a formação de tutores e estudantes para uma educação a distância de qualidade.

Apesar de não ter respondido a todos os questionamentos, o uso da auto-avaliação nos cursos da pós-graduação do Senac/CE mostrou-se válida e viável, pois permitiu constatar vários pontos positivos, entre eles: as mudanças de comportamento dos estudantes e tutores no uso dos recursos e na interatividade; ajustes por parte da tutoria no sentido de sensibilizar e/ou potencializar a aprendizagem, a partir das informações obtidas nos questionários, durante o acompanhamento dos estudantes; a melhoria na comunicação tutor x estudante; aprendizagens mais significativas constatadas nas produções; aumento do envolvimento e autonomia do estudante na busca de sua formação.

Para as próximas turmas modificações já estão em andamento a fim de tentar responder às demais indagações com vistas a novas contribuições para a EAD. Estão em testes o uso dos protocolos e, também, novas estratégias de comunicação a fim de sensibilizar os estudantes no sentido de enxergar a auto-avaliação como uma alternativa para aprender a aprender. Estas experiências deverão ser relatadas em trabalhos futuros e espera-se contribuir com novos olhares para a formação de tutores no uso de metodologias que permitam a reflexão, a ação e conseqüente intervenção no processo de formação.

Referências Bibliográficas

- Belloni, M. L. (1999). “Educação a Distância”. Campinas, SP: Autores Associados, p. 64.
- Brasil, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Ministério da Educação e Cultura, “Educação a distância cresce mais ainda entre os cursos superiores”. Artigo eletrônico. 2007. Disponível em: http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/news07_01.htm. Acesso: 3/3/08.

- Christante, L., Ramos, M. P., Bessa, R., Sigulem D. (2003). “O papel do ensino a distância na educação médica continuada: uma análise crítica”. Rev. Assoc. Med. Bras. [online]. vol. 49, nº 3 [citado 2007-02-22], p. 326-329. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302003000300039&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-4230. doi: 10.1590/S0104-42302003000300039. Acesso em 7/fevereiro/07.
- Freire, P. (1996). “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”. São Paulo: Paz e Terra. p.136.
- Gutierrez, F., Prieto, D. (1994). “A Mediação Pedagógica – educação a distância alternativa”. Trad. Edilberto M. Sena, Carlos Eduardo Cortes. Campinas, SP: Papyrus, 1994. 165p.
- Hadji, C. (2001). “Avaliação desmistificada”. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre, RS: Artmed Editora. p.109.
- Kenski, V. M. (2003). “Tecnologias e ensino presencial e a distância”. Campinas, SP: Papyrus. p.121.
- Lakatos, E. M. (2005). “Fundamentos da Metodologia Científica”. 6. ed. São Paulo:Atlas, p. 89.
- Moodle, software livre. Site oficial. Disponível em <<http://moodle.org/>>. Acesso em 14/fevereiro/07.
- Palloff, R. M.; Pratt, K. (2002). “Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço”. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, p. 175.
- Perrenoud, P. (1999). “Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas”. Trad. Patrícia Chitoni Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 103.
- Prado, M. E. B.B., Martins, M. C. (2002). “A Mediação Pedagógica em Propostas de Formação Continuada de Professores em Informática na Educação”. Artigo. Disponível em <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abd&infoid=193&sid=102>>. Acesso em 25/fevereiro/07.
- Prata, D. N. (2003). “Estratégias para o Desenvolvimento de um Framework de Avaliação da Aprendizagem a Distância”. Disponível em <<http://www.nce.ufrj.br/sbie2003/publicacoes/paper16.pdf>>. Acesso em 7/fevereiro/07.
- Primo, L. (2004). “Metodologia para acompanhamento de cursos de EAD e avaliação de competências - A²COMP”. Dissertação de Mestrado defendida em 1/Dezembro/2004. p. 145. Universidade de Fortaleza. Disponível em <<https://uol02.unifor.br/oul/ObraBdtdSiteTrazer.do?method=trazer&obraCodigo=69893&programaCodigo=83#>>. Acesso em 22/fevereiro/07.
- Reis, I. (2004). “Avaliação e o Processo de Ensino-Aprendizagem Online”. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/054tcf3.pdf>>. Acesso em 7/fevereiro/07.
- Souza, A. M. M., Depresbiteris, L., Machado, O. T. M. (2004). “A mediação como princípio educacional: bases teóricas das abordagens de Reuven Fuerstein”. São Paulo: Editora Senac São Paulo, p.39, p.190.
- Teleduc, Núcleo de Informática Aplicada a Educação. Página de acesso ao projeto Teleduc. Disponível em <<http://teleduc.nied.unicamp.br/teleduc/>>. Acesso em 23/fevereiro/07.

Anexo A

Pós-Graduação Senac | Turma: Especialização em Gestão Educaci... | GEDCE01: Auto-avaliação 4 - Gestor do s... | GEDCE01: Auto-avaliação 7 - Ges...
Você acessou como Lane Primo (Sai)

Rede Senac EAD > GEDCE01 > Questionários > Auto-avaliação 7 - Gestão Financeira > Tentativa 1

Atualizar Questionário

Info Reports Visualização prévia Edit Quiz

Note: This quiz is not currently available to your students

Preview Auto-avaliação 7 - Gestão Financeira

Start again

1 (337)

Na UT1 - Ponto de Equilíbrio, T1 - Cálculo do Ponto de Equilíbrio dos conteúdos estudados e realização das atividades (AT1 e 2) estou apto a:

- Definir termos como maximizar resultados e ponto de equilíbrio;
- Identificar variáveis que influenciam no Ponto de Equilíbrio (PE);
- Entender e utilizar a planilha para calcular: preço de venda e valor da mensalidade;
- Entender e identificar itens essenciais como custos, despesas, impostos e lucro.

Resposta: a. Em parte (menos de 60%)
 b. Boa parte (entre 61 e 80%)
 c. Por completo (com consulta para referências)
 d. Preciso rever alguns pontos para tirar dúvidas

Figura 1. Questão para refletir sobre conhecimentos e habilidades relacionadas às atividades realizadas.

Pós-Graduação Senac | Turma: Especialização em Educação a Dis... | EADCE03: Auto-avaliação UE3 - A...

13 (462) O meu envolvimento na realização das atividades nesse módulo foi:

- Mínima:
 - li o enunciado
 - respondi de acordo com o solicitado
- Básico:
 - li o enunciado
 - consultei o e-book
 - respondi de acordo com o solicitado
- Dedicado:
 - li o enunciado
 - consultei o e-book
 - verifiquei outras fontes
 - relacionei com a minha prática
 - respondi de acordo com o solicitado
 - verifiquei se estava de acordo com os critérios de avaliação
 - encaminhei a versão final

Resposta: a. Mínimo
 b. Básico
 c. Dedicado

14 (463) O tempo que dediquei ao curso durante este período (incluindo leituras e uso do ambiente) foi:

Resposta: a. Inferior a 3 horas por semana
 b. De 3 a 5 horas por semana
 c. Igual ou superior a 6 horas por semana

15 (464) Sobre a minha participação no grupo (fóruns e wiki) posso afirmar que foi:

Resposta: a. Tímida (não contribuí ou fiz só algumas)
 b. Boa (contribuí regularmente com algumas mensagens nos fóruns)

Figura 2. Questões de auto-avaliação para reflexão do estudante sobre suas atitudes e valores com relação ao estudo.